STORYTELLING NO CIBERJORNALISMO: POSSIBILIDADES E COMPLEXIDADES DO JORNALISMO FEITO NA WEB

Storytelling in cyberjournalism: possibilities and complexities of journalism made on the web

Narrativas en ciberperiodismo: posibilidades y complejidades del periodismo realizado en la web

Ivone de Lourdes Oliveira

Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas, Brasil.

E-mail: *ivonepucmg@gmail.com*

Jeane Moreira

Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação da PUC Minas, Brasil.

E-mail: *jeanecmoreira@gmail.com*

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o ciberjornalismo, a partir da análise de conteúdo das séries de *storytelling Vozes de Mariana (2015)* e *Vozes de Brumadinho (2019)* produzidas pelo jornal Estado de Minas. Ambas são compostas de depoimentos dos atingidos pelos rompimentos das barragens que aconteceram em Minas Gerais. Conceitos como hipertexto, multimídia, personalização, narrativas transmidiáticas, memória, *storytelling* e testemunho assumem relevância dentro da reflexão proposta.

Palavras-chave: Ciberjornalismo. Storytelling. Transmídia. Testemunho. Memória.

Abstract

This article aims to reflect on cyberjournalism, from the content analysis of the storytelling series *Vozes de Mariana* (2015) and *Vozes de Brumadinho* (2019) produced by Estado de Minas newspaper. Both are made up of testimonials from those affected by the dam ruptures that occurred in Minas Gerais. Concepts such as hypertext, multimedia, personalization, transmedia narratives, memory, storytelling and testimony assume relevance within the proposed reflection.

Key Words: Cyberjournalism; Storytelling; Transmedia; Testimony; Memory.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflejar sobre el ciberperiodismo, a partir del análisis de contenido de las series de storytelling *Vozes de Mariana* (2015) e *Vozes de Brumadinho* (2019) producidas por el periódico Estado de Minas. Las dos son compuestas de declaraciones de los afectados por los rompimientos de las presas que ocurrieron en Minas Gerais. Conceptos como hipertexto, multimedia, personalización, narrativas transmediaticas, memoria, storytelling y testamento asumen relevancia en la reflexión propuesta.

Palabras clave: Ciberperiodismo; Storytelling; Transmedia; Testimonio; Memoria.

❖ Artigo recebido em 30 de novembro de 2019 e aceito para publicação em 27 de abril de 2020.

Introdução

O investimento de alguns jornais de grande circulação, como o Estado de Minas[1], Folha de São Paulo[2] e Huffpost Brasil[3] em *storytelling* como uma nova forma de reportar os fatos, nos incentivou a refletir sobre as transformações que o jornalismo passa em função dos avanços tecnológicos e de todo o contexto que vivenciamos na contemporaneidade. A presença do jornalismo na web leva a uma produção jornalística diferenciada que busca utilizar as possibilidades fornecidas pelas tecnologias e o uso de outras linguagens mais adequadas às exigências do leitor e do momento atual. O *storytelling* – contação de histórias – é uma das linguagens utilizadas que inspira o envolvimento do *outro* na dinâmica interativa e contribui para cativar a atenção do consumidor de notícias, sensibilizando, por sua vez, a opinião pública.

Os meios reconfiguram-se, as formas de produzir notícias modificam-se e o uso de histórias na construção de reportagens é uma realidade. Além do texto, o som e a imagem também estão presentes na narrativa jornalística. Canavilhas (2001) ao estudar as características do jornalismo desenvolvido para a web, denominado por ele como ciberjornalismo, assinala também a existência de elementos como o hipertexto, a multimídia e a personalização, que transformam a maneira de produzir, divulgar e mediar as informações. Além disso, na atualidade, qualquer pessoa pode ser uma mídia e reportar um acontecimento. Todo esse cenário complexifica o fazer jornalístico, levando os jornalistas a discutirem sobre os desafios e outras formas de trabalhar com o aumento dos fluxos informacionais e o surgimento de novos meios.

O jornal Estado de Minas investiu no *storytelling* audiovisual como narrativa para midiatizar os rompimentos das barragens de rejeitos de minério que aconteceram em Minas Gerais (Mariana, 2015; e Brumadinho, 2019). Apesar do jornal ter reportado o acontecimento em vários momentos e em diversificados meios, como na versão impressa, no portal e nas mídias sociais, optou-se também em produzir duas séries *Vozes de Mariana*[4] e *Vozes de Brumadinho*[5] - objeto de nossa análise neste artigo. Ambas utilizam a estratégia de narração, na qual os atingidos contam, em primeira pessoa, suas histórias, experiências vivenciadas na hora do rompimento e a convivência com as perdas.

Este artigo, além de propor reflexões sobre o ciberjornalismo, também discute sobre a construção da memória coletiva nas histórias dos atingidos, a função do testemunho e as narrativas transmidiáticas presentes na estratégia do jornal, pois para reportar o acontecimento, experimentou o processo transmidiático. As narrativas transmidiáticas deslocam de uma mídia para outra com conteúdos complementares. Essa possibilidade de narrar em múltiplos canais faz parte da *cultura da convergência*, "[...] onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam [...]" (JENKINS, 2009, p. 29). Assim, uma nova mídia não elimina a anterior, mas elas se complementam, se confluem e interagem entre si.

O que nos interessa mais de perto é, portanto, a reflexão sobre o uso do *storytelling* utilizado no ciberjornalismo como estratégia de midiatização do acontecimento a partir das narrativas de histórias de cunho memorialístico e testemunhal. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica e análise de conteúdo dos vídeos a partir de três categorias: *indícios de memória*, *presença do testemunho* e *perda*. Esse percurso metodológico nos mostrou como a imprensa vem se transformando em função do desenvolvimento do meio digital e como o *storytelling* audiovisual tem sido uma estratégia utilizada por alguns veículos para reportar acontecimentos e gerar interação com seus leitores, além de contribuir para fortalecer a memória coletiva.

1. O fazer jornalístico na era digital

O campo da comunicação, incluindo o do jornalismo, vem passando por inúmeras transformações desde o surgimento das tecnologias digitais e

1 O Estado de Minas, um dos maiores jornais de Minas Gerais, pertence aos Diários Associados. Originalmente impresso, ele foi fundado em 7 de março de 1928.

2 Folha de São Paulo é o jornal de maior circulação do Brasil. Muitos dos vídeos de storytelling produzidos pelo veículo são divulgados no canal do jornal no YouTube.

3 HuffPost é um portal de notícias americano criado, em 9 de maio de 2005, por Arianna Huffington e Kenneth Lerer. A versão Huffpost Brasil foi lançada no dia 28 de janeiro de 2013.

4 Disponível em: <https://www.em.com.br/vozes-de-mariana/> Acesso em: 28 nov. de 2019

5 Disponível em: < https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/> Acesso em: 28 nov. de 2019

suas constantes evoluções. Por meio dos dispositivos móveis, a produção das notícias ganha força e se tornam mais acessíveis, uma vez que, além de captar imagens, os telefones móveis também oferecem ao jornalista a possibilidade de publicar suas notícias em tempo real em variados espaços de interação na internet, como, por exemplo, em blogs e redes sociais (FLORES; RENÓ, 2018).

O surgimento de novos meios de comunicação possibilita, portanto, outras rotinas e linguagens no fazer jornalístico. Mas, mais do que o jornalismo online, que consiste em uma simples transposição de um modelo existente, seja ele impresso, televisivo ou radiofônico, para a internet, hoje temos o webjornalismo ou ciberjornalismo, que experimenta a convergência entre texto, som e imagem em movimento, para explorar as potencialidades da internet e da webnotícia (CANAVILHAS, 2001).

Depois de passar por muitas adaptações, a maioria dos jornais criou um *layout* para o meio online e utilizam recursos, como vídeos, infografias e hiperligações, possibilitando a escolha do leitor de buscar o caminho de leitura que lhe interessa. Nesse contexto de audiências cada vez mais exigentes de conteúdos personalizados, o jornalismo explora novos territórios e diferentes linguagens, ou seja, experimenta outras formas de reportar a notícia. Entre novos meios e linguagem, surgem recursos como o hipertexto, a multimídia e a personalização (CANAVILHAS, 2001).

O hipertexto é a interconexão de textos por meio de links, o que possibilita maior interatividade. Ele passa a ser um elemento essencial na construção da notícia, tornando-se no elemento central da narrativa (BACCIN; CANAVILHAS; SATUF, 2017). Um leitor pode partir de uma notícia para outras páginas, para textos complementares, anúncios e outros sites relacionados ao assunto.

> *A hipertextualidade, em conjunto com a multimedialidade e a interatividade, facilitam a produção de narrativas convergentes e imersivas que, aliadas à memória e à personalização, permitem ainda incrementar a contextualização dos factos, valorizando elementos que fortalecem as narrativas de aprofundamento. (BACCIN; CANAVILHAS; SATUF, 2017, p. 328).*

A notícia online também contribui para fazer com que o leitor se sinta parte do fazer jornalístico (BARDOEL; DEUZE, 2001). Ele pode participar dessa experiência de várias maneiras: enviando e-mails, mensagens para os jornalistas, complementando alguma informação ou mesmo emitindo a sua opinião sobre as reportagens.

Há também a possibilidade de receber notificações sobre determinados assuntos, por meio da instalação de *cookies* no seu *browser*, um processo meramente informático no qual o jornalista não tem intervenção. Em outras palavras, vivenciamos a era da personalização (CANAVILHAS, 2006), que também é denominada de individualização, e o formato e as formas de recepção modificam-se, na medida em que a recepção se individualiza (CASTELLS, 2017).

Nesse cenário traçado, torna-se essencial pensar na convergência, já que altera a forma como a indústria midiática opera e como os leitores processam a notícia e o entretenimento (JENKINS, 2009). Corroborando com essa linha de pensamento, Bretas (2012) afirma que a atualidade é marcada por movimentos de convergência digital, uma vez que "[...] as representações, cada vez mais, são codificadas por *bytes*, implicando transformações para os tradicionais meios de comunicação de massa que se articulam com os meios emergentes [...]" (BRETAS, 2012, p. 52).

Para Castells (2017, p. 113), "com a convergência entre a internet e a comunicação sem fio, junto à difusão gradual da maior capacidade de banda larga, o poder comunicativo e informacional da internet está sendo distribuído para todas as esferas da vida social [...]". Assim, a medida em que se apropriam de novas formas de comunicação, os leitores constroem seus próprios sistemas de comunicação de massa – autocomunicação de massa (CASTELLS, 2017).

Nessa perspectiva, a internet tem sido cada vez mais utilizada para acessar programas de televisão, de rádio, jornais, filmes, músicas e revistas de forma horizontalizada e personalizada. Não é mais necessário ficar refém de um horário estabelecido por uma emissora para assistir o programa preferido. Pode-se assisti-lo na tela de computador, por meio de dispositivos portáteis,

como o celular, nas plataformas *on demand*[6], entre outras. Ou seja, o jornalismo é consumido em nichos, no qual os leitores podem escolher o que consomem, de acordo com seus interesses.

Na lógica da convergência, também ganha destaque o fenômeno *transmedia* (JENKINS, 2009). A narrativa transmidiática é feita em variadas mídias, de forma autônoma, mas complementar, dando forma a uma grande narrativa. Assim pode-se assistir um filme na TV, jogar um vídeo game sobre o filme e ver uma entrevista com o diretor na internet, um completando o outro. O conteúdo se transforma em relação ao meio onde ele é divulgado, incentivando o leitor a transitar em diversos espaços.

> *Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. (JENKINS, 2009, p. 138).*

É possível perceber esse fenômeno no jornal Estado de Minas, quando usa o *storytelling* audiovisual para falar sobre os rompimentos. Ele alimentou a versão impressa, o portal e as mídias sociais com dados atualizados sobre os desdobramentos dos acontecimentos e, em paralelo, produziu a série audiovisual com relatos testemunhais dos atingidos em uma aba de seu site e no YouTube. As notícias sobre os rompimentos se deslocaram de um meio para outro, com conteúdos complementares.

Destacamos, portanto, que transmídia é um processo de produção e circulação de conteúdos integrando várias plataformas. Mas, mais do que isso, esse fenômeno traz uma outra lógica de comunicação que perpassa todos os campos sociais. Na cultura transmidiática, surgem espaços que remodelam os processos de comunicação e abrem possibilidades para os leitores transitarem e se manifestarem em diversas plataformas. As informações se movem constantemente de uma mídia para outra, reforçando a experiência comunicacional transmidiática.

Nesse cenário, "o jornalista, tal como um alfaiate, deve ser capaz de costurar com perfeição os diversos elementos que fluem rapidamente de um meio para o outro, elaborando uma boa tessitura da narrativa." (BACCIN; CANAVILHAS; SATUF, 2017, p. 339). Surge, por sua vez, a importância de experimentar novas formas de narrar os fatos, como o *storytelling*. As histórias, principalmente, aquelas contadas em primeira pessoa contribuem para despertar a atenção, gerar identificação e engajamento em meio a tanto conteúdo que circula na web.

2. *Storytelling*, memória e testemunho no jornalismo na web

Para Silverstone (2014), a mídia contribui com a multiplicação de histórias, pois faz com que as narrativas sobrevivam em alguns de seus produtos, como no relato de grandes eventos midiáticos, na novela, em coberturas jornalísticas, nos perfis biográficos, entre outros. "Também observamos cada vez mais a turvação das fronteiras entre informação e entretenimento, fatos e histórias, turvação que muitos acham perturbadora, mas que ninguém pode ignorar" (SILVERSTONE, 2014, p. 81). Domingos (2009) corrobora com essa perspectiva e reforça que "hoje, a mídia transforma parábolas, contos, fábulas, épicos, lendas, mitos, anedotas, romances, tragédias, comédias, novelas, biografias em produtos à venda, ou seja, em storytelling." (DOMINGOS, 2009, p. 10).

O *storytelling,* como prática jornalística, que usa de histórias para reportar o acontecimento pode contribuir para humanizar pautas temáticas. Essa técnica aproxima o jornalismo da literatura por utilizar certos recursos, como a valorização do ambiente e de personagens, mais especificamente da narrativa. Outra característica do *storytelling* é que ele requer um bom começo, com o objetivo de despertar a atenção do público, e deve manter esse ritmo até o final. "Portanto, storytelling não tem a ver com pirâmide invertida, mas pode oferecer elementos estéticos à narrativa jornalística baseada na pirâmide

6 O on demand introduz uma nova forma de consumir mídia pela internet, pois ele permite a visualização de programas de televisão, filmes, séries, entre outros produtos que estejam disponíveis, sob demanda do interlocutor.

invertida com base retangular, cujo final mantém-se rico em informação e elementos atrativos [...]" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p.61).

No caso do jornal Estado de Minas, os vídeos de *storytelling* apresentados também leva-nos a pensar a dimensão da memória e do testemunho, uma vez que eles se caracterizam como vídeos memorialísticos e testemunhais. Nas séries, os atingidos assumem a posição de narradores do acontecimento, tornando-se sujeitos sociais e discursivos. Dar voz às pessoas é uma forma de aproximar o leitor de uma vivência, de uma experiência, apesar das mediações que perpassam os relatos.

Amaral (2013) afirma que uma das funções do testemunho é destacar o que há de humano ou desumano em determinado acontecimento. "É denunciar uma perda e a vivência ou sobrevivência de um evento radical e limite" (p.187). Sobre a escolha das fontes para dar o testemunho no jornalismo, a autora destaca que os testemunhos, geralmente, não são aquelas pessoas corriqueiramente representadas na mídia. Além disso, eles não são escolhidos pelos seus capitais sociais. As suas falas partem, na maioria das vezes, da ausência de capital. "A fonte testemunhal difere-se das demais porque não surge de uma autoridade ou de um conhecimento instituído que o jornalista reconhece como legítimo, mas sim na opção do repórter de relatar um fato do ponto de vista de uma vivência individual (AMARAL, 2013, p. 187)".

Pierron (2010, p. 11) ressalta que "o testemunho está em toda parte, mas em toda parte ele é suspeito", pois diversas questões atravessam a ação de testemunhar, como interesses, subjetividades, poder, emoção, segredos, afastando o relato da *verdade*. As tentações do testemunho de embelezar a realidade podem aproximar mais o testemunho pelo gosto da estética do que pelo da ética. Além disso, ele é performativo. Isso sugere uma posição de um sujeito que fala como um sujeito que age, pois ele utiliza a força expressiva e figurativa da linguagem com o objetivo de manter e dar mais veracidade a sua palavra. O autor ressalta algumas expressões utilizadas pelo testemunho que o atesta, "eu estava lá"; "eu garanto" " acredite em mim" reforçando a autenticidade e a fidelidade do seu dizer. No entanto, essa fidelidade não constitui toda a verdade do testemunho, uma vez que ele pode mentir e/ou omitir informações.

Uma das fragilidades do testemunho é o fato de ele ser relacional, de ser também testemunho para os outros (Pierron, 2010). Esse aspecto está relacionado à intersubjetividade, o que acentua a interpretação do testemunho. Ele pode sofrer críticas, ser mal interpretado por aqueles que o ouvem, dependendo do entendimento, da compreensão e acolhimento do *outro*. Além disso, alguns testemunhos podem nem sequer serem ouvidos.

Halbwacks (1990) reforça a importância do *outro* no processo de fazer lembrar. Para ele, só é possível fazer com que um fato se perpetue e se torne memória de um grupo de pessoas, por meio de testemunhos. Fazemos apelos a eles "[...] para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma [...]" (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Por meio dos relatos testemunhais nas séries divulgadas pelo Estado de Minas, o público consegue revisitar os acontecimentos narrados, tornando-se mais próximo deles. A narrativa em primeira pessoa, como é usada, aproxima, gera reconhecimento e ajuda a construir o que será lembrando sobre os fatos. Selligman-Silva (2008) afirma que em casos de incidentes traumáticos "como nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67).

As memórias que guardamos dos acontecimentos, muitas vezes, são influenciadas pelos conteúdos que a mídia faz circular. Se um assunto é silenciado pelos jornais, torna-se mais passível de cair no esquecimento. Além disso, as notícias veiculadas online, alimentam a memória da web, facilitam o acesso aos testemunhos, que podem ser rapidamente contactados. O fato de a memória no jornalismo poder ser acessada tanto pelo produtor de informação quanto pelo usuário, alimenta a memória coletiva por meio do processo de hiperligação entre os diversos pontos de contato que a compõem.

> *[...] a memória representa muito mais do que o simples arquivo e é uma questão fundamental num jornalismo onde o espaço que a notícia ocupa não é um bem escasso. A possibilidade de ligar uma nova notícia aos seus antecedentes permite o enriquecimento do jornalismo graças à contextualização dos fenómenos. (CANAVILHAS, 2006, p. 5).*

Complementando essa perspectiva, Palacios (2003) afirma que a

web, além de por fim aos limites físicos, possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de materiais noticiosos, por meio de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação. "Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa" (PALACIOS, 2003, p. 8).

3. *Storytelling* como reportagem: a cobertura do jornal Estado de Minas sobre os rompimentos das barragens de Mariana (MG) e Brumadinho (MG)

Cinco de novembro de 2015 e 25 de janeiro de 2019, datas que ficaram marcadas na história do Brasil, principalmente, na de Minas Gerais. Nesses dias, barragens de rejeitos de minério se romperam causando inúmeras mortes, destruições humanas, sociais e ambientais. O primeiro rompimento em 2015, da barragem do *Fundão* em Mariana (MG) controlada pela mineradora *Samarco S.A.*[7], derramou o volume de 43,7 milhões de m^3 de lama em 39 municípios, sendo os povoados de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira os mais prejudicados. Pessoas, casas, plantações, escolas, igrejas, paisagens foram arrastadas e arrasadas. Estima-se que mais de 700 mil pessoas foram afetadas direta e indiretamente pela lama que contaminou, aproximadamente, 400 quilômetros do Rio Doce. O segundo rompimento, que aconteceu em Brumadinho (MG), matou 300 pessoas, incluindo funcionários, turistas, moradores de distritos do município próximos à *Mina Córrego do Feijão*, operada pela Vale S.A. O volume de rejeitos provocou um rastro de destruição e morte, qualificando o rompimento como a maior tragédia do mundo em apagamento humano. É bom ressaltar que devido a irresponsabilidade das mineradoras, as consequências causadas pelos rompimentos até hoje afetam os atingidos.

Esses tristes e criminosos acontecimentos repercutiram em jornais do Brasil e do mundo. Locais que raramente se tornavam pauta nos grandes centros noticiosos ganharam destaque em notícias e reportagens com imagens audiovisuais e fotográficas marcadas pelos tons terrosos da lama. Os jornalistas se viram diante do desafio e missão de construir as narrativas sobre esse evento traumático por meio do testemunho das pessoas atingidas diretamente por ele.

> *O jornalismo apresenta-se, nesse contexto, como uma ferramenta de renascimento, de reinserção da vítima, do sobrevivente, no luxo da vida – ainda que sobre-viver ao trauma imponha a manutenção de resquícios desse visionamento "do outro lado", para além do simbólico, um estranhamento do mundo, desse mundo, que estará sempre lá, à espreita. Algumas características da narrativa, como a linearidade, as repetições e as construções de metáforas, auxiliam essa simbolização. Para além das características da narrativa, também o relato jornalístico contribui para retemporalizar no presente, realocar o sobrevivente do trauma em "nosso mundo". (BARBOSA; CARVALHO, 2016, p. 22).*

Os rompimentos também transformaram-se em objetos de pesquisa e estudos de vários pesquisadores e estudiosos que analisam as tragédias a partir de vários olhares, fundamentados em teorias e conceitos de diversas áreas do conhecimento. No nosso caso, a reflexão parte do conceito de ciberjornalismo e do uso do storytelling como estratégia narrativa nas duas séries produzidas pelo Jornal Estado de Minas: Vozes de Mariana, que conta com 16 vídeos, e Vozes de Brumadinho8, com 12 vídeos. A produção das séries foi inspirada no livro Vozes de Chernobyl (1997) da escritora e jornalista bielorrussa, Svetlana Alexievich que usa os depoimentos dos sobreviventes do desastre nuclear ocorrido em 1986, em Pripyat, no norte da Ucrânia.

Para a realização da análise de conteúdo das séries, recorremos a técnica categorial. A categorização, segundo Fonseca Júnior (2015), "[...] consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade." (FONSECA JÚNIOR, 2015, p. 298).

7 A Samarco Mineração S.A. foi fundada em 1977 no Brasil e atualmente é controlada por meio de uma joint-venture entre a Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton.

8 Disponível em: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/> Acesso em: 28 nov. de 2019

Desse modo, assistimos e analisamos todos os vídeos, elencando as suas principais características e observando as regularidades presentes neles para a criação das categorias. A partir desse levantamento, chegamos a três categorias de análise, que foram utilizadas para o estudo: ***Perda,*** que se referem às perdas materiais e imateriais; ***Presença do testemunho***, como a narrativa se vale do testemunho e de expressões que têm o objetivo de atestar os relatos; e ***Indícios de memória***, que indicam lembranças de fatos que os atingidos viveram no passado. Essas foram, portanto, identificadas em todo material, porém com intensidades diferenciadas.

Na série *Vozes de Mariana,* foram ressaltadas as perdas materiais e imateriais, especialmente, a ausência das pessoas queridas, da vizinhança construída, das rotinas, dos empregos, dos afetos e do conforto do lar, onde se construíram tantas memórias. Marinalva Salgado, moradora de Bento Rodrigues (MG), demorou anos para construir a casa, que foi destruída em questão de poucos minutos pela lama.

> *Minha sala era grandona. Tinha um lugar de colocar o sofá para assistir televisão e tinha uma parte que colocava a mesinha de jantar. Na minha cozinha, era tudo de cerâmica. Até em cima. Muito bonita, com galpão separado da sala para a cozinha. Era meu sonho, porque nunca tive antes. (VOZES DE MARIANA, MARINALVA, 2015[9])*

Nas falas dos atingidos em *Vozes de Brumadinho*, está presente a emotividade contida pelas consequências da tragédia, como a ***perda*** de pessoas, os prejuízos psicológicos, ambientais e econômicos que afetam todos os habitantes da cidade. Atenagos Moreira, coveiro do Cemitério Municipal de Brumadinho há 20 anos, enterrou vários amigos e conhecidos.

> *Foi muito sacrificante. Aquele choro e a gente fechando a boca do túmulo querendo chorar também. Pessoas começando a desmaiar, passando mal e a gente não podia largar o serviço para ajudar. Eu pensava: 'Tenho que segurar a barra, tenho que fazer o serviço'. Dos 28 sepultamentos, eu conhecia umas 14, 15 pessoas. O 280 (número do túmulo) ali foi meu vizinho, o Glayson. E vários outros que eu conheci, presenciei, vivenciei com eles o dia a dia. (VOZES DE BRUMADINHO, ATENAGOS, 2019[10]).*

Presença do testemunho valoriza a narrativa daqueles que foram testemunhas do rompimento da barragem e estão diretamente ligados aos impactos causados pelo acontecimento. Muitos deles, que estiveram frente a morte, destacam o sofrimento da perda pessoal, familiar, social, cultural, econômica e da motivação de seguir a vida. As variáveis sensíveis da dor e do luto estão presentes nos relatos das duas edições. Na série *Vozes de Mariana,* a história da funcionária Paula Geralda Alves, conhecida por moradores como a *heroína de Bento Rodrigues,* demonstra esse aspecto testemunhal. Ela conta que percorreu o povoado de moto, buzinando e gritando:

> *'A barragem estourou, a barragem estourou, corre gente!'. Fui lá na minha casa, avisei o pessoal da minha casa, avisei a rua toda. Só avisei. Meu filho estava em casa com minha mãe. Eu sabia que eles iam dar um jeito. Entrei na Rua do Cascalho avisando o pessoal. Só gritando, gritando, gritando. A moto acabou a gasolina, eu a deixei em um lugar um pouquinho mais alto e saí correndo mais para baixo, ainda chamando as pessoas. (VOZES DE MARIANA, PAULA, 2015[11]).*

Em seu relato, Paula também destaca que, quando não tinha mais ninguém para avisar que a barragem rompeu, ela subiu para o ponto mais alto do povoado empurrando a moto e dois minutos depois a lama passou destruindo tudo. Ela olhou para trás e Bento Rodrigues tinha sido varrido pela lama. Perdeu a sua casa, um lugar onde colecionou tantos momentos e onde sempre reunia a família. "Minha casa era uma casa diferente. Às vezes, passava gente lá e perguntava: 'Aqui é um bar?'. Não é casa de família mesmo." (VOZES DE MARIANA, PAULA, 2015).

9 Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/vozes-de-mariana/2015/12/11/noticia-vozes-de-mariana,716125/demorei-anos-para-fazer-minha-casinha.shtml> Acesso em: 14 nov. 2019

10 Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/vozes-de-brumadinho/2019/02/22/voz-de-brumadinho,1032562/sera-que-vao-colocar-cruz-na-lama.shtml> Acesso em: 14 nov. 2019

11 Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/vozes-de-mariana/2015/12/15/noticia-vozes-de-mariana,716136/a-nossa-historia-nao-pode-acabar-no-dia-cinco.shtml> Acesso em: 14 nov. 2019

Indícios de memória são as lembranças de fatos experimentados e vivenciados no passado e que estão relacionados diretamente com a perda, mas que se diferencia porque carrega a evocação de algo vivido, a relação entre o sensível e o social, o carisma, a sinceridade e a confiança. Helena Taliberti, que perdeu dois filhos, Camila e Luiz Taliberti, a nora e o neto, soterrados na Pousada Nova Estância, em Brumadinho, relata as memórias de momentos de convivência com os filhos e afirma que:

> *Ter sido mãe desses dois foi muito especial. Escolher ser mãe era meio que natural: casar, ser mãe, ter filhos. Não houve para mim decisão, ia acontecer. Era por eles que eu acordava. Era por eles que trabalhava e levava a minha vida. Eles precisavam que cuidasse deles, que eu os vestisse, os levasse para a escola e que lhes desse comida. Existia por trás disso um amor enorme deles por mim e de mim por eles. (VOZES DE BRUMADINHO, HELENA, 2019[12])*

Ela também destaca a angústia que sentiu quando viu as reportagens sobre o rompimento na televisão e não tinha nenhuma notícia dos familiares. "Nós não dormimos de sexta para sábado na procura de notícia [...]. A vida para eles (Vale S.A.) não tem valor. Essa coisa arrancada, de repente, está difícil de acreditar." (VOZES DE BRUMADINHO, HELENA, 2019).

As duas séries trazem em seu desenvolvimento o reconhecimento da memória e o apelo testemunhal como características para atrair o interesse e dar mais veracidade e emoção ao processo que os atingidos vivem até hoje em função das consequências dos rompimentos. Além disso, são audiovisuais - linguagem que tem mais alcance entre os usuários na web 2.0 e que apresenta maior proximidade com a realidade, por fornecer movimento e som (FLORES; RENÓ, 2018).

Elas também podem ser consideradas como transmidiáticas, na perspectiva de Jenkins (2009), uma vez que são complementares a outras notícias sobre o rompimento que foram divulgados em variados canais do jornal Estado de Minas. À época do rompimento, o veículo divulgou notícias diárias com dados sobre o número de morte e desaparecidos, declarações das empresas e de outros atores envolvidos em sua versão impressa, no portal e nas mídias sociais com a agilidade que o momento exigia. Em paralelo, produziu e divulgou na web os *storytelling* audiovisuais. Ou seja, o conteúdo transitou em diversas mídias formando uma grande narrativa, caracterizando a transmidialidade do jornalismo.

Outra característica desses vídeos de *storytelling* é que "a narrativa evidencia aspectos da individualidade do sujeito, porém controlada pelos aspectos sociais e ideológicos que seu lugar impõe (GONÇALVES, DANTAS DE MAIO, 2019, p. 52). Assim, os atingidos dão corpo e voz à perda, marcada pela dor e pelo sofrimento. Essas séries também podem contribuir para que os rompimentos não caiam no esquecimento. A medida em que as vozes circulam, as pessoas podem ter conhecimento sobre os fatos, se colocando, muitas vezes, no lugar dos atingidos. Um testemunho direto, relatando em primeira pessoa, pode gerar mais engajamento e identificação do que se um jornalista contasse a história por ele. Uma das características que corrobora para esse fato é que ele utiliza a força expressiva das palavras que ajudam a dar veracidade e autenticidade ao seu relato (PIERRON, 2010).

Geralmente, memorizamos, de modo mais intenso, o que nos emociona, o que envolve afetos, o que nos passa um valor. Além disso, para que a memória de um acontecimento se mantenha *viva* para um sujeito é necessário que ele esteja inserido e habitado em grupos de referência, como, por exemplo, família e amigos, que conversem sobre o fato ocorrido (HALBWACHS, 1990). Se ele perde o vínculo com essas pessoas ou se determinados assuntos são silenciados, consequentemente, as memórias dos momentos e fatos são mais passíveis de caírem no esquecimento.

Além de buscar envolver as pessoas com a gravidade dos rompimentos, as séries alimentam a memória de dados na web, uma vez que estão disponíveis para acesso de todos, em questão de rápidas buscas e cliques. A possibilidade de compartilhamento também é facilitada. No final de cada episódio, é possível compartilhar as histórias, na aba "Compartilhe essa voz", com links diretos para publicação no Facebook e Twitter. *Vozes de Mariana* e *Vozes de Brumadinho* são, portanto, duas séries que exploram algumas das várias possibilidades e caminhos que o ciberjornalismo pode seguir.

12 Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/vozes-de-brumadinho/2019/02/22/voz-de-brumadinho,1032572/ter-sido-mae-desses-dois-foi-muito-especial.shtml> Acesso em: 14 nov. 2019

Considerações finais

Texto, som, imagem, movimento, multimidialidade e transmidialidade. O jornal Estado de Minas utilizou todos esses recursos para produzir as séries de *storytelling*, que destacam a dor e o sofrimento dos atingidos. A técnica de reportar um fato por meio de histórias dialoga com as necessidades dos leitores ou telespectadores da sociedade contemporânea. "O grande volume de informação disponível atualmente requer um relato que se diferencie, atraia e envolva. Caso contrário, não receberá atenção. O *storytelling* é uma possibilidade para esta necessidade" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p.66).

Entretanto, é importante destacar que apesar de estar crescendo o número de jornais que investem em *storytelling* audiovisuais, na lógica acelerada e efêmera da internet os jornalistas têm urgência de informar de forma rápida e objetiva, para não perder o caráter imediato da notícia, o que dificulta, muitas vezes, o fato de eles contribuírem para o cenário das narrativas. As notícias de última hora passam a ser a grande questão do ciberjornalismo. Em muitos casos, os profissionais produzem relatos sucintos, guiados pela objetividade sem a presença de um narrador, de relatos testemunhais, chegando a produzir matérias a partir de informações enviadas pelo público, via mídias sociais.

Os avanços das tecnologias alteram, portanto, as formas de consumir e de produzir notícias. O jornalista se depara com múltiplas possibilidades de reportar acontecimentos e de buscar informações na memória da web que podem complementar suas produções. Ao mesmo tempo, ele também se encontra diante de diversas situações que complexificam o fazer jornalístico, entre elas, o consumidor mais exigente que também pode ser uma mídia, reportando fatos que acontecem no seu entorno. Cabem, portanto, aos profissionais buscarem novas experimentações neste cenário que está em constante transformação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia. A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos. In: revista Fronteiras – estudos midiáticos 15(3):182-190 setembro/dezembro 2013, by Unisinos – doi: 10.4013/fem.2013.153.04

BACCIN, Alciane; CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. ERA PÓS-PC: a nova tessitura da narrativa jornalística na web. In: ARAÚJO, Bruno; PEIXINHO, Ana Teresa (orgs.) **Narrativa e media géneros, figuras e contextos.** Imprensa da universidade de Coimbra, Coimbra. 2017 (p. 317-344).

BARDOEL, Jo, DEUZE, Mark, (2001). Network journalism': converging competences of old and new media professionals. Disponível em: < https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeUze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1> Acesso em: 06 nov. 2019

BARBOSA, Karina; CARVALHO, André Luís. Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 13 Nº 2, Julho a Dezembro de 2016.

BRETAS, Beatriz. Remixagens cotidianas: o valor das pessoas comuns nas redes sociais. In: OLIVEIRA, Ivone; MARCHIORI, Marlene (orgs.). **Redes sociais, comunicação, organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2012 – (Série pensamento e prática; v.5)

CANAVILHAS, João, (2006). Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf> Acesso em: 08 nov. 2019

CANAVILHAS, João. (2001) Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> Acesso em: 08 nov. 2019

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão da tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. 2

ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CUNHA, Karenine; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. Rev. Comun. Midiática (online), Bauru/Sp, V.9, N.2, p. 56-67, mai./ago. 2014.

DOMINGOS, Adenil Alfeu. **Storytelling:** Evolução, Novas Tecnologias e Mídia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba/PR. Anais... Curitiba: Universidade Positivo, 2009.

ESTADO DE MINAS. **Vozes de Brumadinho**. Disponível em: <https://www.em.com.br/vozes-de-brumadinho/> Acesso em: 06 nov. 2019

ESTADO DE MINAS. **Vozes de Mariana**. Disponível em: < https://www.em.com.br/vozes-de-mariana/> Acesso em: 06 nov. 2019

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS Antonio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª. ed. – 8. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015

FLORES, Jesús; RENÓ, Denis. Periodismo Transmedia. Aveiro: Ria Editorial, 2018, 106 p.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; DANTAS DE MAIO, Ana Maria. Comunicação Organizacional e o poder das narrativas: as estratégias discursivas da Samarco. In: Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação. Vol. 7, no.13, janeiro-junho 2019. São Leopoldo, RGS.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana L. de Alexandria. – 2 – Revista sª ed. – São Paulo: Aleph, 2009

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs**), Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003

PIERRON, Jean-Philippe. **Transmissão:** uma filosofia do testemunho. São Paulo, SP: Edição Loyola, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008